

AS VOGAIS DO PORTUGUÊS ENTRE APRENDENTES CHINESES E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DE UM PROGRAMA DE PORTUGUÊS

Adelina Castelo

Instituto Politécnico de Macau, China

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Portugal

Rita Nazaré Santos

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Portugal

Introdução

A relevância de observar o perfil do aprendente chinês quanto ao domínio das vogais é fundamentada em várias razões. Em primeiro lugar, tem-se registado um forte crescimento do número de cursos de português nas universidades chinesas nos últimos anos (Lei 12), o que leva à necessidade de conhecer melhor o perfil destes aprendentes e de ajustar os programas de português aos mesmos.

Além disso, como se sabe e como é referido, por exemplo, em Wang (27-31) e Nunes ("Overall Analysis" 38; "European Portuguese Phonetics" 97), os aprendentes chineses manifestam dificuldades particulares na aquisição do Português Língua Estrangeira (PLE), nomeadamente dificuldades fonéticas, que resultam das grandes diferenças entre a sua língua materna e a língua alvo. Também a importância da pronúncia na vida dos aprendentes motiva a necessidade de estudar o domínio das vogais por parte deste grupo de aprendentes. De facto, vários autores sugerem que a pronúncia é um importante indicador da proficiência em língua estrangeira para os falantes nativos e que tal tem implicações sociais consideráveis (Gilakjani 96, Moyer 16, Saito 17). Por exemplo, a percepção do nível de proficiência de um falante na L2 condiciona o acesso que este tem a oportunidades de trabalho, a determinados contactos sociais, etc. O facto de alguns estudos evidenciarem a ocorrência de bastantes erros na produção de vogais em PLE (Oliveira 131; Castelo, et al.) também suporta a necessidade de conhecer mais

detalhadamente o domínio destes segmentos.

Finalmente, as próprias complexidades do sistema-alvo vocálico (quanto à sua fonologia e ortografia) também levam a interrogarmo-nos sobre como se dará a sua aquisição e quais serão as dificuldades sentidas durante o processo por parte dos aprendentes chineses.

Para melhor se compreenderem as complexidades do sistema vocálico do Português Europeu (PE), passamos a ilustrar muito rapidamente alguns dos seus aspectos. Neste sistema fonológico, e considerando apenas as vogais orais, é possível distinguir nove vogais, com base em dois parâmetros: o ponto de articulação e a altura da vogal. Quanto ao primeiro parâmetro, as vogais são anteriores (quando são produzidas na zona anterior da cavidade oral), centrais (produzidas na zona central) ou posteriores (articuladas na zona posterior). Relativamente ao parâmetro da altura, as vogais são altas (quando a língua se eleva em relação à sua posição de repouso), médias (se a língua se mantém na posição de repouso) ou baixas (quando se abaixa relativamente à posição de repouso). As vogais orais, quando em posição átona, sofrem normalmente um processo de redução vocálica, muito produtivo no PE, de elevação e centralização das vogais átonas, tal como se esquematiza no quadro 1.

Altura	Altas	i	i	u
	Médias	e	e	o
	Baixas	ɛ	a	ɔ
		Anteriores	Centrais	Posteriores
Ponto de articulação				
<p>Exemplos de vogais que sofrem a elevação e centralização de vogais átonas vogal tónica → vogal átona figo [i] → figueira [i] pêra [e] → pereira [i] guerra [ɛ] → guerreiro [i] casa [a] → caseiro [e] fogo [o] → fogueira [u] porta [ɔ] → porteiro [u] fumo [u] → fumeiro [u]</p>				

Quadro 1 Vogais orais do PE e processo de elevação e centralização das vogais átonas

Tal como se pode ver no quadro 1, no PE existem oito vogais orais em posição tónica. No entanto, devido ao processo de redução vocálica, em posição átona temos apenas quatro vogais²⁰, verificando-se que as vogais anteriores baixa e média sofrem um recuo e uma elevação para [i], a vogal

²⁰ Uma descrição mais pormenorizada deste e de outros processos que afectam o sistema vocálico do PE pode ser encontrada em Castelo ("Competência metafonológica" 77-96), Freitas, et al. (66-69, 97-120) e em Mateus e Andrade (17-23, 129-36).

central sofre uma elevação para [ɐ] e as vogais posteriores baixa e média tornam-se altas, [u]. Este processo fonológico envolve, pois, alterações da altura e do ponto de articulação da vogal.

Considerando agora a ortografia do PE, esta apresenta várias propriedades das ortografias opacas, como mencionado por diversos autores (e.g. Castelo "Competência metafonológica" 97-98; Veloso 64). Sem ser necessário detalhar demasiado, basta pensar na assimetria que se regista entre o inventário fonético e a representação ortográfica. Existem catorze vogais fonéticas – se considerarmos as orais e as nasais ([a, ɐ, i, ε, e, i, ɔ, o, u, ẽ, ẽ, ã, õ, ã]) – que são representadas com apenas cinco símbolos ortográficos (<a, e, i, o, u>), eventualmente associados a alguns marcadores – de nasalidade (<m, n, ~ >), de altura de vogal (<^, ` , ' >), ou de acento (<^, ` >).

Tendo em conta todas estas motivações para considerar relevante o estudo das vogais dos aprendentes chineses, com esta comunicação pretendemos alcançar o seguinte objectivo: identificar as dificuldades específicas no domínio das vogais por parte dos aprendentes chineses. O meio utilizado para alcançar esse objectivo será a observação e comparação de erros em produções orais e escritas. No final, a partir das dificuldades identificadas, será possível não só indicar algumas propriedades necessárias num programa de português ajustado a este público, como também apresentar algumas propostas didácticas que exemplifiquem a aplicação de um programa de português adequado.

Metodologia

A amostra utilizada neste trabalho inclui dados de sete informantes chineses²¹, mais propriamente de sete textos orais e treze escritos. Estes dados foram recolhidos em Outubro e Novembro de 2014 e fazem parte do *COPLÉ₂ – Corpus de Português Língua Estrangeira/Língua Segunda*. Este corpus visa recolher dados de aprendizagem do português produzidos pelos alunos que participaram nos cursos anuais ou de Verão ou que realizaram exames de acreditação na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (cf. Antunes, et al.). Foram analisados os dados de todos os informantes chineses de que tínhamos, simultaneamente, registos escritos e orais no momento da análise de dados. Estes informantes apresentavam diferentes níveis de proficiência na língua portuguesa.

No que diz respeito aos procedimentos, observaram-se todos os erros cometidos ao nível das vogais.

Na análise usou-se a tipologia de erros que foi proposta por Castelo, et al,

²¹ Embora dois dos informantes tenham uma L1 diferente (cantonês num caso e taiwanês noutro), as suas produções foram incluídas na amostra, porque todos os informantes dominam o mandarim e uma amostra com estas pequenas variações mostra melhor a realidade dos aprendentes chineses (todos dominam o mandarim, mas muitos falam outros dialectos ou línguas como língua materna).

a partir de trabalhos anteriores (Castro e Gomes; Gonçalves, et al.; Horta e Martins; Sousa). De seguida, apresentamos os tipos de erros relevantes neste estudo.

Uma primeira categoria é a dos erros de segmento – isto é, os casos em que um segmento foi substituído por outro, na escrita ou na oralidade (por exemplo, o alvo gráfico <podemos> foi escrito como <podamos> e o alvo oral [ˈsɐw] foi dito como [ˈsɛw]).

Existem também erros de estrutura silábica – ou seja, os casos em que a produção apresentou uma estrutura silábica ou um número de sílabas diferentes (exemplos: o alvo <visitar> foi escrito como <vistar>, sendo suprimido um segmento e havendo, portanto, alterações ao nível da sílaba; o alvo [prufiˈsor] foi produzido oralmente como [pruˈsori], verificando-se a supressão de uma sílaba e a inserção de um novo núcleo silábico no final da palavra).

Registam-se ainda erros de acento: (i) casos em que o acento gráfico não é correctamente colocado na escrita (dando origem a uma palavra diferente quanto à acentuação e eventualmente também no que diz respeito ao timbre vocálico – cf. alvo <incómodo>, em que a vogal acentuada se lê [ɔ], escrito como <incomodo>, em que a mesma vogal deveria ser lida como [u]); (ii) casos em que a sílaba tónica não é correctamente assinalada na oralidade (exemplo: alvo [ˈafrike] produzido como [ɛˈfrike]).

Finalmente, apenas na escrita, encontram-se igualmente erros de conversão (grafo-fonológica). Trata-se de casos em que a leitura da palavra escrita pelo aprendente corresponde à pronúncia da palavra-alvo, mas a forma visual usada não está correcta (exemplo: *sossego* escrito com <u> na primeira sílaba lê-se da forma correcta, mas a forma gráfica convencional da palavra é com <o>, <sossego>, e não <sussego>).

Resultados

No quadro 2, apresentam-se os resultados obtidos numa análise global dos erros.

	Oral		Escrita		Total	
	N	%	N	%	N	%
Segmento	583	74%	24	40%	607	72%
Estrutura silábica	198	25%	11	18%	209	25%
Acento	5	1%	17	29%	22	2%
Conversão	--	--	8	13%	8	1%
Total	786	100%	60	100%	846	100%
	786	93%	60	7%	846	100%

Quadro 2 Análise global dos erros encontrados

Observando a última linha do quadro, torna-se evidente que há muito mais erros na oralidade (786 erros, correspondendo a 93% do total de erros encontrados), por comparação com os da escrita (60 erros, que constituem 7% do total de erros).

Verifica-se também que, nos textos orais, predominam os erros de segmento (com 74% do total de erros na modalidade oral), seguindo-se os erros de estrutura sílaba (25%). Nas produções escritas, os erros mais frequentes também são de segmento, embora com menor ocorrência (40% do total de erros na modalidade escrita), verificando-se ainda bastantes erros de acento (29%) e de estrutura silábica (18%). Os erros de conversão, que, por definição, só existem na escrita, ocorrem com pouca frequência nos dados em análise (13% do total de erros na escrita).

Tendo em conta os resultados obtidos, analisaremos mais detalhadamente apenas os tipos de erros com proporções de ocorrência mais elevadas: os erros de segmento (com 74% de ocorrências na oralidade e 40% na escrita) e os de acento (com 29% de ocorrências na escrita).

O quadro 3 apresenta uma descrição dos erros de segmento identificados, tanto na oralidade como na escrita.

	Oral		Escrita	
	N	%	N	%
[ĩ] → [e]	11	3%	1	4%
[ĩ] → [e]	20	3%	0	0%
[ĩ] → [ĩ]	12	2%	0	0%
[e] → [ĩ]	12	2%	6	25%
[e] → [a]	238	41%	0	0%
[e] → [e]	41	7%	0	0%
[] → [e]	22	4%	0	0%
[ɛ] → [ĩ]	10	2%	0	0%
[e] → [ɛ]	55	9%	0	0%
[o] → []	20	3%	0	0%
[] → [o]	12	2%	0	0%
[u] → [ĩ]	42	7%	5	21%
[u] → [o]	12	2%	4	17%
outros casos	76	13%	8	33%
Total	583	100%	24	100%

Quadro 3 Descrição dos erros de segmento identificados

Os erros de segmento afectam sobretudo as vogais [ɐ, e, u, i, ẽ, o], ou seja, vogais com diferentes pontos de articulação, mas que têm em comum o facto de serem médias ou altas. É de destacar a existência de uma frequência relativamente elevada de casos de vogais-alvo médias substituídas por vogais baixas (cf. [ɐ] → [a], com 238 erros orais; [e] → [ɛ] com 55 erros orais; [o] → [ɔ], 20 erros orais) e de 12 erros orais consistindo na substituição de vogais-alvo baixas pelas vogais médias correspondentes.

No caso de alguns segmentos, ocorrem muitos erros tanto na modalidade oral como na escrita – cf. erros na produção das vogais-alvo [ɐ] e [u]. No entanto, para outros segmentos, a ocorrência de erros verifica-se (quase) apenas na modalidade oral, como no caso das vogais-alvo [e, i, ẽ, o]. Convém ainda referir que os erros mais frequentes na oralidade não se registam na escrita ([ɐ] → [a] e [e] → [ɛ]), o que se compreende dado o facto de estes erros nunca poderem ocorrer na escrita, uma vez que o som-alvo e o som de *output* têm a mesma grafia, de acordo com as regras do sistema ortográfico do português.

Finalmente, é de mencionar que, embora em menor número, também existem algumas alterações relacionadas com o ponto de articulação de vogal (por exemplo, [u] → [i], com 42 erros) e com a nasalidade ([ɐ] → [ɛ], com 22 erros).

O quadro 4 mostra as alterações sofridas pelas vogais-alvo nos erros de segmento, tendo em conta o(s) parâmetro(s) alterado(s) (ponto de articulação, PAV, e/ou altura da vogal).

	Oral		Escrita	
	N	%	N	%
Altura	389	67%	13	54%
Altura e PAV	49	8%	2	8%
PAV	130	22%	8	34%
Outras mudanças	15	3%	1	4%
Total	583	100%	24	100%

Quadro 4 Alterações sofridas pelas vogais-alvo nos erros de segmento

Como se pode ver no quadro, os erros segmentais resultam mais frequentemente de uma mudança na altura da vogal, tanto no oral (67%) como na escrita (54%). Por outras palavras, nos erros de segmento, o que acontece mais frequentemente é os informantes produzirem uma vogal com o mesmo ponto de articulação da vogal-alvo, mas uma altura diferente (por exemplo, usar uma vogal baixa em vez da vogal-alvo média).

No quadro 5, regista-se o valor acentual das vogais-alvo que sofreram erros de segmento.

	Oral		Escrita	
	N	%	N	%
Átona	397	68%	13	54%
Tónica	186	32%	11	46%

Quadro 5 Valor acentual das vogais-alvo que sofreram erros de segmento

Os dados evidenciam que a maior parte dos erros de segmento se registam em vogais-alvo átonas, tanto na modalidade oral, como na escrita.

A fim de observar, de seguida, os erros de acento na modalidade escrita, incluímos, no quadro 6, algumas propriedades associadas a esta categoria de erros.

		Escrita	
		N	%
Valor acentual da vogal	Tónica	14	82%
	Átona	3	18%
Problema de acentuação	Ausência de acento	13	76%
	Presença de acento	4	24%

Quadro 6 Propriedades associadas aos erros de acento, na modalidade escrita

Os erros de acento ocorrem sobretudo em vogais tónicas, consistindo principalmente na ausência de qualquer acento gráfico em vogais que o deveriam apresentar.

Discussão

Passamos a sistematizar e a reflectir sobre as principais dificuldades encontradas na produção vocálica dos aprendentes chineses, a fim de identificar algumas das propriedades necessárias num programa de PLE ajustado a esse público-alvo.

O tipo de erro com um maior número de ocorrências é claramente o de segmento, não só na oralidade (74% dos erros orais), como também na escrita (40% dos erros escritos).

Os erros de segmento mais frequentes estão associados a mudanças na altura da vogal. A dificuldade no domínio deste parâmetro foi já verificada também por Oliveira (131), ao analisar as produções orais de aprendentes de PLE de níveis intermédios e avançados e falantes de diferentes línguas maternas. Por outro lado, Wang (31) sublinha que os alunos chineses revelam

habitualmente problemas nas distinções [e] / [ɛ] e [o] / [ɔ]. Estes resultados parecem, pois, confirmar que os aprendentes chineses, tal como falantes de outras línguas maternas, sentem dificuldades particulares no domínio desta propriedade fonológica. Tal facto seria, contudo, expectável, dado que as vogais médias não fazem parte do triângulo vocálico (cf. discussão do tópico em Oliveira 95-97) e que não existem estes dois contrastes fonológicos no mandarim (Rodrigues, et al. 9).

Os erros segmentais consistem por vezes também em alterações do ponto de articulação da vogal. Contudo, estas são muito menos frequentes, não indiciando, portanto, a existência de um problema específico no domínio do parâmetro do ponto de articulação. Quanto aos erros em vogais nasais, são em número relativamente reduzido, o que também se deverá ao facto de, na língua-alvo, as vogais nasais apresentarem uma menor frequência de ocorrência (Gomes 27879 – dados que revelam uma maior frequência das vogais orais do que das nasais correspondentes).

Os erros de segmento sugerem ainda a existência de dificuldades associadas ao processo de redução vocálica. Tendo em conta que os aprendentes mostram tanto não dominar a altura de vogal, como ter problemas maioritariamente na produção das vogais átonas, é bastante provável que uma das causas dos erros seja o não domínio do próprio processo de redução vocálica, além das dificuldades no parâmetro de altura de vogal (que são manifestas, por exemplos, nos erros de mudança de altura de vogal que ocorrem em segmentos átonos). O não domínio do processo de elevação e centralização das vogais átonas no PE é também identificável a partir dos dados de Oliveira (131). De facto, nesse estudo, a autora encontra mais problemas com /u/ resultante de [o, ɔ] do que com /u/ de [u] (103).

Considerando os problemas identificados, é possível concluir que os erros de segmento apontam para a necessidade de os programas de ensino de PLE ajustados aos aprendentes chineses enfatizarem a instrução e o treino acerca do parâmetro de altura de vogal e do processo de elevação e centralização das vogais átonas.

Os erros de acento, por sua vez, também nos fornecem algumas pistas sobre o que será necessário integrar num programa adaptado aos alunos chineses. Os dados mostram que estes erros ocorrem, sobretudo, em vogais tónicas e consistem, principalmente, na não utilização de qualquer acento gráfico, apesar de este ser preciso na palavra em causa. Por outras palavras, o problema está na ausência de acento e não na presença em excesso ou na colocação incorrecta do mesmo. Por outro lado, estes erros também não parecem estar associados a problemas de acento na oralidade, já que se verificam apenas cinco casos de erros de acento na oralidade. Assim sendo, é possível pensar que tais erros tenham uma causa meramente ortográfica e não fonológica e, mais especificamente, que derivem de uma eventual desvalorização do símbolo gráfico, diacrítico, ao qual não associam um

significado muito específico. Esta hipótese leva-nos a defender que um programa ajustado aos aprendentes chineses também deve incluir uma consciencialização do papel e da importância do acento gráfico.

Um último aspecto a salientar consiste no facto de os aprendentes chineses apresentarem muitos mais erros orais do que escritos, pelo menos, ao nível da produção de segmentos e sílabas. Outros estudos seriam necessários para verificar se o mesmo ocorre noutras componentes da gramática, como a sintaxe e a morfologia. Quanto à representação de segmentos e de sílabas, é possível que os melhores resultados na escrita se devam a diferentes factos, tais como o de os aprendentes tenderem a dominar regras explicitáveis (as da escrita são explicitadas; as orais, como a regra da redução vocálica, frequentemente não são), o de conseguirem reter com relativa facilidade a imagem visual das palavras, e o de terem mais tempo para processamento aquando da tarefa de escrita. No entanto, seja qual for a motivação destes melhores resultados na escrita, uma consequência a retirar dos mesmos é a necessidade de promover bastante a modalidade oral junto dos aprendentes chineses.

Tendo em conta todos os resultados obtidos e as reflexões apresentadas, é possível considerar que um programa de PLE ajustado aos aprendentes chineses deve insistir nos seguintes aspectos:

- (a) domínio do parâmetro de altura de vogal;
- (b) conhecimento e treino sobre o processo de elevação e centralização de vogais átonas;
- (c) prática da oralidade;
- (d) consciencialização do papel e da importância do acento gráfico.

Propostas didácticas

Após a identificação de alguns dos aspectos a incluir num programa de PLE específico para aprendentes chineses, apresentamos, em três quadros abaixo, conjuntos de tarefas que exemplificam como se poderiam trabalhar, de forma mais sistemática, os seguintes tópicos: o parâmetro de altura de vogal (quadro 7); o processo da redução vocálica (quadro 8); a importância e algumas regras do acento gráfico (quadro 9).

1. **Para ler bem, é preciso distinguir três vogais parecidas.**

1.1. Ouça a gravação e observe as vogais destacadas nas seguintes palavras.

[]	[]	[]
p <i>í</i>	p <i>ê</i>	p <i>é</i>
s <i>í</i> lo	s <i>e</i> lo (nome)	s <i>e</i> lo (verbo <i>selar</i>)

1.2. Consulte a página http://cvc.instituto-camoes.pt/cpp/acesibilidade/capitulo2_1.html (com sons) e preencha a 1.ª linha com o símbolo fonético adequado.

1.3. Ouça o professor e repita a articulação isolada das vogais [ɛ], [e], [i].

1.4. Observe bem a posição da sua língua e indique qual é a diferença na articulação das três vogais.

1.5. Para que serve fazer bem essa diferença na articulação?

2. **Treine a pronúncia das vogais estudadas.**

2.1. Leia novamente as palavras de 1.1 em voz alta.

2.2. Escreva uma frase para cada umas palavras de 1.1 e encontre na internet uma imagem relacionada.

2.3. Apresente a sua imagem aos colegas e diga a frase que escreveu.

Quadro 7 Conjunto de tarefas para o parâmetro de altura de vogal (adaptado a partir de Castelo, "Material Didático")

1. **Ouç a leitura das palavras relacionadas.**

[]	[]	[]	[]
bola			bolada
forma			formar
	golo		golinho
	o jogo		jogador
		gula	guloso
		fumo	fumar

1.1. Preencha a 1.ª linha com o símbolo fonético adequado.

1.2. Sublinhe a sílaba tónica de cada palavra.

1.3. Explique o que acontece às vogais [u, o, ɔ]. quando aparecem em sílaba átona.

2. **A regra descrita em 1.3. chama-se *redução vocálica*, pois torna as vogais orais mais fracas, reduzidas, em sílaba átona.**

3. **Na internet procure o poema "Golo", de Matilde Rosa Araújo.**

3.1. Prepare a leitura do poema, cuidando especialmente a pronúncia das vogais [u, o, ɔ].

3.2. Faça a leitura em voz alta para os seus colegas.

Quadro 8 Conjunto de tarefas para o processo de redução vocálica (adaptado a partir de Castelo, "Material Didático")

<p>1. Para ler bem, é preciso saber a sílaba tónica (forte) de cada palavra. Por isso, vamos observar a acentuação das palavras.</p> <p>1.1. Ouça a leitura do professor e sublinhe a sílaba tónica de cada palavra.</p>					
<i>peru</i>	<i>táxi</i>	<i>avó</i>	<i>rubi</i>	<i>avó</i>	<i>cunhado</i>
<i>sentença</i>	<i>rádio</i>	<i>código</i>	<i>lábio</i>	<i>livro</i>	<i>revista</i>
<i>inteligente</i>	<i>fonte</i>	<i>chá</i>	<i>café</i>	<i>sogra</i>	<i>anúncio</i>
<i>ponte</i>	<i>júri</i>	<i>vírus</i>	<i>universidade</i>	<i>bebé</i>	<i>Vénus</i>
<p>1.2. Complete o quadro com as palavras dadas em 1.1 (não considere o S final).</p>					
palavras com acento gráfico	palavras sem acento gráfico e terminadas em A, E, O	palavras sem acento gráfico e terminadas em I, U			
<p>1.3. Complete as frases.</p> <p>a) As palavras que não têm acento gráfico e terminam em A, E, O são acentuadas na _____ sílaba.</p> <p>b) As palavras que não têm acento gráfico e terminam em I, U são acentuadas na _____ sílaba.</p> <p>c) As palavras com acento gráfico são acentuadas na sílaba _____.</p>					
<p>2. Vamos praticar a acentuação de palavras.</p> <p>2.1. Sublinhe a sílaba tónica das palavras seguintes: <i>casas, altura, orfão, cântico, júri, felicidade, tatu, lápis, caso, manchu, abacaxi, javali, caju.</i></p> <p>2.2. Leia as palavras em voz alta.</p> <p>2.3. Procure na internet a letra da canção "Adoro Lisboa" de Madredeus e treine a sua leitura em voz alta, procurando marcar correctamente cada sílaba tónica.</p>					

Quadro 9 Conjunto de tarefas para a importância e algumas regras do acento gráfico (adaptado a partir de Castelo, "Songs")

Como se pode ver nos quadros apresentados, em todas estas tarefas se procura levar os alunos a passarem por diversas etapas: (a) fase de input linguístico; (b) de consciencialização e explicitação; (c) de treino em situação controlada; (d) de prática em situação menos controlada e mais comunicativa. Estas etapas visam levar os aprendentes não só a ganhar conhecimento explícito acerca do tópico em causa, como também procurar promover a transformação, tão depressa quanto possível, desse conhecimento explícito, declarativo, em competência interiorizada, em conhecimento processual (embora ainda se discuta a possibilidade de o conhecimento explícito se transformar em implícito – cf. Ellis 215). Sublinham ainda a importância da prática em situação comunicativa como meio para alcançar o domínio linguístico pretendido.

Considerações finais

Foi com base em dados empíricos que este estudo procurou identificar algumas características das vogais do português entre aprendentes chineses e

assinalar as implicações didáticas dessas características, indicando aspectos a ter em conta na elaboração de um programa de português delineado em função deste grupo de alunos. De acordo com os resultados obtidos, um programa de PLE ajustado aos aprendentes chineses deveria abordar, pelo menos, os seguintes tópicos: parâmetro de altura de vogal (nas tónicas e átonas); processo de elevação e centralização das vogais átonas; treino intenso da oralidade; importância do acento gráfico. Por esse motivo, foram apresentados três conjuntos de tarefas que visam ilustrar modos de promover o domínio destes aspectos junto dos aprendentes.

Assim, este trabalho fornece um pequeno contributo para o delinear do perfil do aprendente chinês ao nível da pronúncia e da ortografia, para a definição de propriedades necessárias nos programas de PLE para alunos chineses e para a exemplificação do desenho de materiais didáticos para esses programas.

No entanto, são ainda muitos os tópicos que seguem a linha deste trabalho e que mereceriam uma investigação no futuro. De entre esses tópicos destacam-se a identificação de outros traços do perfil do aprendente chinês ao nível da pronúncia, a elaboração de um programa de ensino da pronúncia completo e específico para os aprendentes chineses, a construção de materiais didáticos para implementar esse programa e a aplicação da metodologia agora usada na identificação do perfil de pronúncia de outros grupos de aprendentes.

Bibliografia

- Antunes, Sandra, et al. "Apresentação do *Corpus de Português Língua Estrangeira/Língua Segunda – COPLÉ2*." *XXX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos seleccionados*. APL, 2015.
- Castelo, Adelina. "Competência Metafonológica e Sistema Não Consonântico no Português Europeu: Descrição, Implicações e Aplicações para o Ensino do Português como Língua Materna." Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa, 2012.
- _____. "Material Didático 3 - Desporto com Vogais." Verão em Português no IPM 2016, 11 a 16 de Julho 2016, Instituto Politécnico de Macau, Macau. Formação para professores.
- _____. "Songs for Phonetic Training: A Model and its Application for Chinese Learners of Portuguese" (em preparação).
- Castelo, Adelina, et al. "O Uso de Vogais Ortográficas por Aprendentes de Português como Língua Estrangeira: Unidade na Diversidade." *Língua Portuguesa - Unidade na Diversidade*. Universidade Marie Curie-Sklodowska, Lublin (no prelo).
- Castro, São Luís, e Inês Gomes. *Dificuldades de Aprendizagem da Língua Materna*. Universidade Aberta, 2000.

- Ellis, Rod. "Principles of instructed language learning." *System*, vol. 33, n.º 2, 2005, pp. 209-24, doi:10.1016/j.system.2004.12.006.
- Freitas, Maria João, et al. *Os Sons que Estão nas Palavras. Descrição e Implicações para o Ensino do Português como Língua Materna*. Ed. Colibri, 2012.
- Gilakjani, Abbas Pourhosein. "The Significance of Pronunciation in English Language Teaching." *English Language Teaching*, vol. 5, n.º 4, 2012, pp. 96-107.
- Gomes, Inês. "Ler e Escrever em Português Europeu." Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto, 2001.
- Gonçalves, Fernanda, et al. *O Conhecimento da Língua: Percursos de Desenvolvimento*. Ministério da Educação - DGIDC, 2011.
- Horta, Inês Vasconcelos, e Margarida Alves Martins. "Desenvolvimento e Aprendizagem da Ortografia: Implicações Educacionais." *Análise Psicológica*, vol. 1, n.º XXII, 2004, pp. 213-23.
- Lei, Heong Iok. "Objectivo nobre e responsabilidade grande." *Atas do 1.º Fórum Internacional de Ensino de Língua Portuguesa na China*. Instituto Politécnico de Macau, 2012, pp. 12-13.
- Mateus, Maria Helena, e Ernesto d'Andrade. *The Phonology of Portuguese*. Oxford UP, 2000.
- Moyer, Alene. "How Does Experience in the Second Language Shape Accent?" *Contact*, vol. 40, n.º 4, 2014, pp.15-20.
- Nunes, Ana. "An Overall Analysis on Chinese Students Learning European Portuguese as a Second Language." *GSTF International Journal of Law and Social Sciences*, vol. 3, n.º 2, 2014, pp. 33-9.
- _____. "European Portuguese Phonetics: Difficulties for Chinese Speakers – Considerations." *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, vol. 192, 2015, pp. 92-100.
- Oliveira, Inês. "A Aquisição do Sistema Vocálico por Falantes de PE como Língua Não Materna." Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006.
- Rodrigues, Maria Helena, et al. *Diversidade linguística na escola portuguesa - Mandarin*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- Saito, Kazuya. "The Influence of Explicit Phonetic Instruction on Pronunciation Teaching in EFL settings: The Case of English Vowels and Japanese Learners of English." *The Linguistics Journal*, vol. 3, n.º 3, 2007, pp. 16-40.
- Sousa, Óscar C. de. *Competência Ortográfica e Competências Linguísticas*. ISPA, 1999.
- Veloso, João. "A Língua na Escrita e a Escrita da Língua. Algumas Considerações Gerais sobre Transparência e Opacidade Fonémicas na Escrita do Português e Outras Questões." *Da Investigação às Práticas. Estudos de Natureza Educacional*, vol. VI, n.º 1, 2005, pp. 49-69.

Wang, Suo Ying. *O Português para um Chinês. Abordagem Simultânea sobre os Métodos de Ensinar Português aos Chineses*. Instituto Rainha D. Leonor, 1991.